

# A REPUBLICA

ASSIGNATURAS  
 Por anno 12\$000 | N. avulso 100  
 Seis mezes 6\$000 | Atrazado 200  
 PAGAMENTOS ADIANTADOS

ORGÃO DO PARTIDO REPUBLICANO FEDERAL

ESCRITORIO E TYPOGRAPHIA  
 6—Rua Corrêa Telles—6  
 Publicações e annuncios por ajuste  
 PAGAMENTOS ADIANTADOS

Director Politico—**DOCTOR PEDRO VELHO**

## Ainda bem!

Si da occorrente discussão em que se acham empenhados, de um lado o nosso partido, e do outro os nossos adversarios, grupados em torno do seu mais competente representante e director intellectual, para apurarem-se as responsabilidades da nossa acção politica, e a parte de verdade e injusticia com que vae de envolta a actual administração do Estado e a direcção politica do nosso eminente chefe nos articulados do libello que serve de laboro á indecente campanha anonyma que nos movem: si desta controversia de honra, iniciada sob o compromisso de mutuo respeito, cavalheirismo e a mais estrita lealdade entre os contendores, resaltar a almejada luz de par com um exemplo edificativo que estabeleça as normas preferidas para as futuras discussões e polemicas jornalisticas, entre nós, teremos então de exclamar jubilosos: si não colhemos a conversão dos Saulos, logramos ao menos a fortuna de uma bella cruzada social, qual a dignificação da imprensa partidaria, que é, sobretudo, o instrumento de uma das mais nobres funções da intelligencia. Isto é muito.

É preciso que a acção do jornal, em suas diferentes modalidades, não mais entre nós seja rebaixada ao nivel de uma eschola dissolvente, de pura empresa mercantil, de um factor activo e insidioso de escandalosa profandidade dos principios estaticos, que fazem o mais nobre apagnado da cultura do espirito e da elevação moral das sociedades.

Essa noção infeliz, execravel—simple traço de stavisismo selvagem—implantada na nossa imprensa partidaria, logo á sua infancia, como arma predilecta de combate pessoal e de hostilidade ás idéas adversas, é apenas a manifestação específica do desvaireamento, da bancarrota do criterio, da extravasão biliosa do odio, trahindo o desespero, a dor sentida do mallogro de mesquinhos interesses, que não, aliás, o esforço prohibido e digno, a sequencia litigiosa, perseverante e intelligente, em demanda do triumpho moral das idéas, da vigencia pratica dos principios esposados, da disciplina leal e consecução do poder honradamente pleiteado.

Coisas que deprimem, coisas que envergonham, coisas que enojam, que ferem a sensibilidade moral menos delicada de quem se preza, são aventadas e estabelecidas na imprensa indigena, como a chave politica da acção partidaria, regulada em seus accidentes pela batuta do mestre, consoante a esthetica mal educada e perversificada de tal ou qual parcialidade.

Não fazemos distincções, nem descemos a indicações particularistas. Não temos o intuito estreito, restricto das personalidades. Não por que nos doa a consciência de haverem incorrido em nenhum peccado dos que bradam ao céu da decencia e da justiça, em nossa acção partidaria.

Assignalamos apenas a feição caracteristica do jornal politico, tal como tem sido em nosso Estado até á presente phase.

E que, a respeito, diga o systematico proceder de exemplar tolerancia, diremos mesmo, de longanimidade inexcedível do nosso preclaro director politico, desprezando por completo o insulto e a aggressão calumniosas e ferinas da mais descoartez e licenciosa linguagem de alguns seus adversarios.

Que o diga igualmente a nossa conducta jornalistica, regulada pela generosa e democratica indifferença do nosso querido mestre, não offerecendo ensanchas nem ensejos á imprensa contraria para discussões—a que, aliás, seriamos obrigados—só por não vermos na feição palpavel do antagonista a limpidez serena do decoro e do criterio criticos, o espirito do luctador intrasigente, mas correcto e extreme da acrimonia intoxicante e perversiva.

Era isso para nós, tanto quanto possível, motivo de desgostos difficilmente curtidos, por que, para o hemispherio opposto, sim, é que nos arrastam as nossas tendencias, com o fervor irresistivel dos que desejam, ás claras, as luctas profusas e as discussões serias e nobilitantes. Basta...

É preciso que essa nefasta herança de descredito, que uma passada estúpido e condemnado nos legou, seja banido do activo honroso das nossas chronicas e tradições historicas.

É preciso que a imprensa de hoje constitua-se o echo, o codigo, esparso e disseminado, dos nossos avanços sociais para dirigir o—amanhã dos nossos filhos.

É preciso que seus sentimentos não se punjam, que suas almas não esbarreçam ao aspecto feroz e vergonhoso desta historia que se vae escrevendo, em muitas phases, com o li-

quido sanioso e virulento—funesto depletivo das energias mais nobres e dos caracteres mais puros e fecundos.

Ahi ficam os nossos votos estereotypano do nosso programma.

Urge igual correspondencia, para que lhe demos plena effectividade pratica. Que resulte do debate ao menos este bem, e teremos feito uma bella conquista.

## Costa Lima & C. Pernambuco

Sortimento completo em papeis para impressão de obras avulsas e jornaes, de todos os formatos; de cores para capas, de soda para flores; e grande sortimento para outros misteres, embruho, etc.

## Debate politico

Permitta o meu illustre antagonista que me occupe hoje, não só do artigo directamente a mim dirigido na edição de hontem do *Diario*, como tambem a dois outros, um assignado por s. s. e outro epigraphado *quasi repto* nas notas editorias da folha.

—Começa o meu contendor, tratando do *repto de honra* que ha 4 dias fez *A Republica* para uma discussão elevada dos actos do governo e da politica estaduais, e pedindo uma explicação, que passo a dar-lhe, plena e satisfatoria.

—O dr. Nascimento discutirá somente as responsabilidades reciprocas do governo e da opposição, de 1892 a esta parte, (recommende ao typographo que não repita mais aquelle *d* antes de *esta*; não cabe a crase) como deseja, por ter s. s. parte nas responsabilidades do nosso partido até a eleição do dr. Pedro Velho para governador constitucional do Estado.

Os drs. Ant-nio Garcia, Amyntas Barros, Augusto Leopoldo, Curvalho e Souza, et les autres que foram solidarios com as gestões dos governadores Amyntas Barros, Gargel (com restricções) e Miguel Castro, discutirão com *A Republica* aquellas responsabilidades, nos periodos apontados.

O sr. Umbelino de Mello e algum outro que, como este, tenha feito sempre opposição ao dr. Pedro Velho, podem ter a palavra para dizerem sobre os erros politicos commettidos durante a *lua de mel* da Republica, que foi o governo provisório, na amena expressão do meu antagonista.

Vê o dr. Nascimento que não pode ser mais completa a explicação. *A Republica* só deseja é discutir e firmar a verdade, em um debate honroso, pois esta certa de que a boa causa é essa pela qual se bate.

—Diz mais o meu contendor que, opportunamente, dará a sua opinião sobre as outras questões que estabeleci. Não seria o caso de começarem logo os outros cidadãos citados a dizer o que pensam das calumniosas affirmações feitas nos *a pedidos* dos jornaes do Rio?

Concordo que o meu antagonista não poderá discutir, a tempo, por si só, as questões propostas neste debate.

Acredito, porém, que os seus correligionarios letrados não se furtarão a auxiliá-lo. Somos tres aqui na *Republica*, mas podemos, perdôe-me a immodestia, dar attenção a todos quantos se nos apresentem na liza nobilitante do jornalismo digno.

—Acceito a explicação que deu o meu antagonista á censura que lhe fiz por não ter dado uma resposta ao meu collega Pedro

Avelino, protestando, porem, em tempo, contra a intriguinha que s. s. censura mas é o primeiro a fazer.

Aqui não ha mais nem menos dignos.

A allusão ás "linhas curvas" abre o caminho, que já agora evitarei, para o passado do meu illustre antagonista, que pretendo esquecer neste debate, collocando-me, assim, o mais possível, em pé de equaldade com s. s.

—Passo ao artigo epigraphado—*Ao dr. Alberto Maranhão*.

Folgo de ver que s. s. deseja esta polemica, no campo aberto das discussões leaes.

O dizer, porem, que não pode passar *desapercebida* (sobrou um *a*) a minha phrase, que julgou offensiva, de ter s. s. um passado exploravel, não é justo. Ha de convir o meu antagonista que a phrase citada é muito menos offensiva do que dizer s. s. que eu insulto os adversarios para obter "um pratinho especial" e fazer allusões a calumnias contra mim rebuscadas na immundicie do anonymato, calumnias que hontem pedi a s. s. para auxiliá-lo a desfazer, o que espero, confiado na dignidade pessoal do meu antagonista.

—Quanto ás intrigas que diz estou fazendo, peço licença para declarar que a minha allegação de ter s. s. considerado indigno de uma resposta d'*A Republica* o actual redactor ostensivo do *Diario*, veio como argumento accetavel contra a affirmação injusta de que *A Republica* é um jornal anonymo e pelourinho da reputação do meu contendor.

Não reincidindo s. s. na ingenua affirmação de que esta folha é irresponsavel, deixarei no olvido todos essas exploráveis opiniões passadas do meu talentoso antagonista, as quaes promete explicar opportunamente. Como quiser!

—Responde depois ao segundo ponto do meu primeiro artigo.

Sem querer mais accentuar a ausencia de motivos justos para os successivos rompimentos de s. s. com os politicos citados, deixo de esmiuçar esse capitulo da volubliidade partidaria do meu illustre antagonista, o qual, é commum essa opinião no Estado, tem a mania da opposição, sentindo-se mal sempre que tem as responsabilidades dirigentes.

Não demorar-me-ei tambem na apreciação da actual tão estreita solidariedade de s. s. com o dr. Amyntas Barros, que tem a preeminencia, é o chefe dos adversarios do senador Pedro Velho, segundo me informou hontem o meu antagonista.

Muita coisa havia a explorar, mas tenho pressa em dar logo resposta ao meu contendor, nos outros pontos mais importantes e urgentes do debate proposto.

Observarei, porém, que a combinação a que se refere s. s. para entrar o dr. Pedro Velho em uma chapa para deputados provinciales, si é que se deu, em nada poderia affectar as convicções republicanas do chefe da propaganda, que só accetaria o mandato da opposição, para combater da tribuna parlamentar a Monarchia, que já era por si atacada fortemente nas columnas d'esta folha, uma das poucas que no Brasil existem, vindas da propaganda. A qual propaganda o dr. Pedro Velho deu todo o seu esforço, logo depois da libertação dos escravos, conquista esta para a qual contribuiu poderosamente, como attestará o meu illustre contendor, que era, n'aquelle tempo, um dos mais trabalhadores companheiros do dr. Pedro Velho, ao lado de João Lindolpho, que teve

parte effectiva e real naquella nobre cruzada, o que não se poderá dizer de outros que são hoje citados nos *a pedidos* das folhas fluminenses como os que mais influíram na lucta pela abolição.

Quando chegarmos a este capitulo do debate, os drs. Amyntas Barros e Jeronymo Camara virão á baila, para ficar bem patente o *digno* papel que representaram em conhecido episodio no qual entraram, para o bem, o meu antagonista, o dr. Pedro Velho, o capitão João Avelino e outros, alem do heroico jagadeiro Joaquim Honorio.

—Concluindo, diz s. s. que tem vivido quasi sempre no ostracismo, fazendo sentir que "com outros dá-se o contrario".

Sou um desses outros, e s. s. poderia ter dito a coisa claramente.

O que prova, porem, o facto de ter eu, desde a minha entrada na vida publica, em dezembro de 1892, sido governista no Estado?

Absolutamente nada. O meu partido estava no poder e ahi tem se mantido, cada vez mais forte, chegando hoje a não ter quasi opposição, apesar das affirmações em contrario de s. s. e seus amigos de hoje, affirmações que comprometto-me a desfazer, todas.

Compreende o meu antagonista que, assim, não ha motivo para ostracismos heroicos, que não me atemorizam, acredite, mas que presumo muito pouco prováveis, em quanto a opposição for a que se exhibe, sem ter ao menos um orgão declarado na imprensa.

Muito bem disse no senado o chefe do partido que aqui domina:

"basta conservar a machina a meia força".

—No artigo editorial, *quasi repto*, da folha de opposição, li que são colaboradores os idadços Nascimento Castro, Ferreira de Mello, Jeronymo Camara, Amyntas Barros, Jannucio Nobrega, Philippe Guerra, João Gurgel e muitos outros.

Muito bem; descobriam-se. Sabe-se que *A Republica* de ha muito lamenta a falta de um orgão digno de opposição para terçar como armas leaes.

Toda gente sabe que o *Diario do Natal*, até 3 dias passados, não era um jornal decente.

Ante-hontem e hontem, porem, a sua leitura não me trouxe a repugnancia que se deve ter pelas coisas desprezíveis.

Nota-se que os adversarios sentem a necessidade de uma discussão digna e util.

Sendo assim, e estando conhecidos os redactores do *Diario*, (parece-me que deviam incluir na lista os srs. Umbelino, Antonio Garcia e Espirito Santo; este ultimo, tenho certeza, é auctor de alguns artigos que ao principio disseram ser do dr. Nascimento) não será *A Republica* que perderá esta boa occasião de ter um adversario na imprensa, com o qual possa discutir victoriosamente todos os actos das administrações federal e estadual, e as politicas respectivas.

Esperavamos que *O Rio Grande do Norte*, de saudosa memoria, *concordando os rolos*, viesse de novo á lucta.

Isso, porem, parece um caso perdido.

E, tendo os redactores d'aquella folha extincta passado-se para o *Diario*; mantendo o dr. Nascimento, com sua assignatura, um debate politico commigo, da altura do qual não devem descer os honestos;

apresentando-se o *Diario*, final-

mente, nos dois ultimos dias, capaz de merecer a consideração d'*A Republica*, declaro, como principal redactor d'esta folha, que amanhã começaremos a entreter polemica com o jornal que de facto é hoje o orgão opposicionista, redigido pelos cidadãos citados, que não de cumprir a promessa feita hontem, esperamos, de que a imprensa no Rio Grande do Norte vae deixar de oferecer o espectáculo deshonroso que até ha 3 dias passados presenciaram os assignantes do *Diario do Natal*.

ALBERTO MARANHÃO.

## Ao Dr. Nascimento Castro

Lamento sinceramente que a falta de espaço não tenha permitido ao meu illustre contendor, dr. Nascimento Castro, vir desde logo esmagar em publico aquillo que s. s., sem base e sem fundamento, qualificou de *novella*.

Aguardo com uma paciencia evangelica a resposta de s. s., que, a julgar pela pressa com que vae na discussão com o dr. Alberto Maranhão, talvez appareça a tempo de aproveitar aos nossos netos.

Permitta-me, porem, o meu conspicio adversario a liberdade de uma observação: si o bosquejo que fiz de um capitulo da nossa historia politica foi uma *novella*, obra de fantasia, nada mais facil a quem dispõe de um talento invejavel e habitos de imprensa, como o meu illustre contendor, do que destruir, em quatro palavras, o effecto da peça architectada acereamente.

A demora pode dar logar a que o publico, septico e bisbilhoteiro, dê-se a pensar que o meu nobre antagonista, para responder a minha *novella*—que escrevi em meia hora, dou-lhe esta obsequiosa informaçã—precisa de tempo para arranjar uma *historia*.

Que saia uma obra supimpa, são os meus votos. E não ha necessidade de vir acompanhada de testemunhos, certamente muito valiosos, porque o publico tem o bom senso de distinguir, pela simples leitura, de que lado está a *novella*, de que lado está a *historia*.

Desde já declaro ao meu talentoso antagonista que continuarei a polemizar com s. s., de animo desprevenido, porque, compadecido da posição embaraçosa em que o vejo, esqueci-me das maguas que me trouxeram o seu ataque e voltei á minha calma habitual, da qual s. s. não me arredará, porque, si, nesta discussão, disparar em linguagem menos cortez e pouco delicada, deixo-o sosinho.

MANOEL DANTAS.

Natal, 19 de Outubro de 1898.

## OS SANTOS DO CALENDARIO

20 de Outubro  
 S. Irene

Nascida em Thomar, Portugal, foi educada por duas tias, superiores de um convento fundado por sua familia. Reppelliu brilhantes partidos de casamento e morreu no seu convento.